

Turismo, Lazer e Negócios

Giovanna Tavares
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

GiovannaTavares
(Organizadora)

Turismo, Lazer e Negócios

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © da Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T938	<p>Turismo, lazer e negócios [recurso eletrônico] / Organizadora Giovanna Tavares. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-317-0 DOI 10.22533/at.ed.170190805</p> <p>1. Turismo. I. Tavares, Giovanna.</p> <p style="text-align: right;">CDD 380.14591</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.
www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Este livro composto de uma série de artigos com foco em temáticas diversas reforçam o caráter multi, trans e interdisciplinar da atividade do Turismo. O turismo vem se transformando e a gestão estratégica desses empreendimentos turísticos, de lazer é de negócios requer cada vez mais ações diferenciadas e ações que se identifiquem com o ramo da atividade. Compreender, desenvolver e gerir um negócio exige múltiplos conhecimentos e tomadas de decisões para o desenvolvimento, crescimento e manutenção do mesmo. É notória a concorrência mundial promovida pela globalização, exigindo das organizações atitudes mais competitivas, cuja oferta de produtos e serviços norteiam-se pelas premissas da qualidade, atendimento e preço. O negócio “turismo” tem estimulado a ampliação das perspectivas de visão dos diferenciais turísticos na biodiversidade, na reinterpretação e ressignificação do patrimônio e estratégia empresarial, na busca da excelência de qualidade e competitividade do produto turístico nos segmentos de mercado, percebendo a necessidade da formulação, reformulação e adoção estratégica do desenvolvimento regional para o planejamento integrado e sustentável do Turismo e do lazer. Sendo assim ampliar a capacidade de aplicar a tecnologia de gestão estratégica nas organizações turísticas, levando em conta as suas peculiaridades e as consequências das ações gerenciais na sociedade mobilizando os recursos se faz necessário para atingir os objetivos a longo prazo. O resultado das pesquisas aqui apresentadas tem como objetivo principal avaliar as consequências econômicas, sociais e éticas das decisões administrativas no macro ambiente dos negócios e compreender as diversas dimensões entre as relações do turismo, lazer, espaço, planejamento e sustentabilidade, em suas diversas facetas.

Giovanna Tavares

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AGROECOLOGIA: PROPOSTA À CHÁCARA BOCAIÚVA	
Talita da Costa Papas	
Elisa Luzia Costa de Santana Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.1701908051	
CAPÍTULO 2	12
A HOSPITALIDADE E SEUS FATORES DE COMPETITIVIDADE EM AGÊNCIAS DE VIAGENS DE PALMAS – TO	
Geruza Aline Erig	
Maria Elenita Menezes Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.1701908052	
CAPÍTULO 3	28
A PROSTITUIÇÃO MASCULINA NO CONTEXTO DO TURISMO DE LAZER	
Christopher Smith Bignardi Neves	
Luiz Ernesto Brambatti	
DOI 10.22533/at.ed.1701908053	
CAPÍTULO 4	44
A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: AIRBNB EXPERIENCE E O TURISMO LGBT	
Christopher Smith Bignardi Neves	
Isabele de Souza Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.1701908054	
CAPÍTULO 5	57
A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO TURISMO NO BRASIL	
Christiano Henrique da Silva Maranhão	
DOI 10.22533/at.ed.1701908055	
CAPÍTULO 6	77
A “TURISTIFICAÇÃO” DE UM LUGAR DE MEMÓRIA É POSSÍVEL? UM ESTUDO SOBRE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO CAIS DO VALONGO (RIO DE JANEIRO, BRASIL)	
Angela Teberga de Paula	
Vania Beatriz Merlotti Herédia	
DOI 10.22533/at.ed.1701908056	
CAPÍTULO 7	100
A TRANSVERSALIDADE DO SABER: O CONCEITO DE LUGAR E A SOCIOLOGIA DO TURISMO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.1701908057	
CAPÍTULO 8	106
CONTROLE DO ESPAÇO URBANO E O TERRITÓRIO COMO PRODUTO TURÍSTICO: REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE A SEGREGAÇÃO IMPOSTA À POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO CONTEXTO DE MEGAEVENTOS (RIO 2016)	
Sara Conceição De Paula	
DOI 10.22533/at.ed.1701908058	

CAPÍTULO 9	120
DETERMINANTES DO TURISMO DE NEGÓCIOS INTERNACIONAIS: UM MODELO DINÂMICO COM DADOS EM PAINEL	
Pedro Miguel Fonseca Moreira de Carvalho Miguel Ángel Márquez Paniagua Montserrat Díaz Méndez	
DOI 10.22533/at.ed.1701908059	
CAPÍTULO 10	139
ECONOMIA CRIATIVA E PROPRIEDADE INTELECTUAL, INTERLOCUTANDO COM A TECNOLOGIA SOCIAL NA COMUNIDADE	
Felipe Rodrigus Bomfim José Claudio Rocha Anucha Prisco de Aguiar Peixoto	
DOI 10.22533/at.ed.17019080510	
CAPÍTULO 11	155
EMPODERAMENTO FINANCEIRO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ATRAVÉS DA SUA QUALIFICAÇÃO NA INDÚSTRIA DE TURISMO E EVENTOS	
Flávia Cristina Rodrigues Paiva Neuza de Farias Araújo Nelson Carpes Neiva	
DOI 10.22533/at.ed.17019080511	
CAPÍTULO 12	170
FAMILISMO EFICIENTE NO TURISMO EM ESPAÇO RURAL	
Luiz Ernesto Brambatti	
DOI 10.22533/at.ed.17019080512	
CAPÍTULO 13	184
HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: MEMÓRIA, SABERES E PRÁTICAS	
Rosangela Costa Soares Felipe Rodrigues Bomfim José Cláudio Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.17019080513	
CAPÍTULO 14	195
HOSTEL E O SUJEITO TURISTA	
Mara Regina Thomazi Maria Luiza Cardinale Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.17019080514	
CAPÍTULO 15	209
MULHER NA PM: UMA QUESTÃO ESTRATÉGICA OU MARCA DE EMPODERAMENTO?	
Jamile Maria da Cunha Silva Felipe Rodrigues Bomfim	
DOI 10.22533/at.ed.17019080515	
CAPÍTULO 16	224
O BOTECA CARIOCA E A HOSPITALIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Cláudia Mesquita Pinto Soares Ceci Figueiredo de Moura Santiago	

Tânia Muzy da Silva
Bruno Morett Figueiredo Rosa
Luana Costa Pierre de Messias
Ricardo Guimarães Matias

DOI 10.22533/at.ed.17019080516

CAPÍTULO 17 240

POLICIAMENTO COMUNITÁRIO COMO ESTRATÉGIA ORGANIZACIONAL: UM ESTUDO DE CASO DA POLÍCIA MILITAR NA ESCOLA IVETE OLIVEIRA EM SERRINHA – BAHIA

Jeciene dos Santos Pereira
Felipe Rodrigues Bomfim

DOI 10.22533/at.ed.17019080517

CAPÍTULO 18 254

ECONOMIA DO TURISMO PORTO, A “CONQUISTA” DO TURISMO E A RELAÇÃO COM O VINHO DO PORTO

Luis Pinto Machado
Diamantino Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.17019080518

CAPÍTULO 19 271

PROJETO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO ANTIGO QUILOMBO DO CABULA: SOLUÇÕES PRÁTICAS QUE EMERGEM DAS PESQUISAS

Velma Factum Dutra

DOI 10.22533/at.ed.17019080519

CAPÍTULO 20 281

REFLETINDO A DE PROPRIEDADE INTELECTUAL E A ECONOMIA CRIATIVA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Felipe Rodrigues Bomfim

DOI 10.22533/at.ed.17019080520

CAPÍTULO 21 289

“TRILHA GALERA PAU NA FUMAÇA”: A INFLUÊNCIA ECONÔMICA EM BOM JESUS DAS SELVAS - MA

José Rodrigues de Oliveira Filho
Rosélis de Jesus Barbosa Câmara

DOI 10.22533/at.ed.17019080521

CAPÍTULO 22 302

TURISMO DE EVENTOS, ANÁLISE COMPARATIVA 2013/2017: FESTIVAL GASTRONOMICO DE PIRENÓPOLIS – GO

Giovanna Adriana Tavares Gomes
Rafael De Araujo Rosa
Carlos Henrique Freitas

DOI 10.22533/at.ed.17019080522

CAPÍTULO 23 320

UNIDADE DE CONSERVAÇÃO: UM TERMO BRASILEIRO PARA ÁREAS NATURAIS PROTEGIDAS

Beatriz Sousa Pereira

Ivanir Azevedo Delvizio

Fernando Protti Bueno

DOI 10.22533/at.ed.17019080523

SOBRE ORGANIZADORA 338

CAPÍTULO 1

AGROECOLOGIA: PROPOSTA À CHÁCARA BOCAIÚVA

Talita da Costa Papas

Faculdade Maria Milza - FAMAM *talita.papas@hotmail.com*

Elisa Luzia Costa de Santana Nascimento

Faculdade Maria Milza - FAMAM
luzir2007@gmail.com

1 | INTRODUÇÃO

O tema do presente artigo refere-se a uma introdução à agroecologia, cujo objeto de estudo foca na produção da Chácara Bocaiúva e no escoamento dos seus produtos. Este estudo pretende descrever a visita à Fazenda Bocaiúva, realizada no dia 16 de setembro de 2016, além de contribuir para a análise da agricultura convencional e a agroecologia. A agroecologia é aqui entendida como um processo de caráter científico e multidisciplinar, capaz de estimular novos estilos de agricultura e processos de desenvolvimento rural sustentável que preservem o meio ambiente, respeitando aos princípios éticos de solidariedade entre gerações atuais e futuras.

Ao estimular o cultivo de orgânicos, através da agroecologia, este artigo possui vínculo com a Economia de Base Comunitária ou Solidária e o Desenvolvimento Sustentável, sendo esse um tópico do referencial teórico. Isso se refere

à relevância científica, já a relevância social insere-se no fornecimento de maiores subsídios à Chácara Bocaiúva, visando ao aumento da produção, através da ampliação da irrigação no local ainda não utilizado da chácara, além da expansão da produção para alcançar a população que ainda não é consumidora, mas mora próximo à chácara.

Além disso, a tecnologia a serviço do capital está voltada à produção da mais valia. Quanto maior a quantidade de recursos naturais explorados e de matéria-prima transformada, maior a capacidade de extração de sobretrabalho. Nesse contexto, a crise ecológica emerge para se repensar como é a relação da sociedade contemporânea com a natureza, o modo de produção de consumo, os meios de produção, o modo de vida, as técnicas aplicadas, a tecnologia utilizada e a ciência a seu serviço e, nisso, se insere a importância de artigos como este.

A relação com o tema do evento insere-se através da economia de base comunitária ou solidária. Essa é definida como “um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando e fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e

no próprio bem” (ECONOMIA SOLIDÁRIA DE BRASÍLIA, 2016, p.1).

2 | O TRABALHO E A RELAÇÃO HISTÓRICA HOMEM NATUREZA

Alguns podem achar a natureza violenta, com seus terremotos, maremotos e tornados, porém isso tudo é, na verdade, uma reação violenta da natureza à ação do homem. Tais destruições comprometem a sobrevivência da Terra e a dos seres humanos. De fato, a relação do homem com a natureza tem sido de exploração econômica e isso vinha significando degradação do meio ambiente aliado ao crescimento econômico.

A destruição do ar que se respira, da água que se bebe, do solo do qual provém os alimentos, dos rios, das florestas, dos habitats dos animais ameaça a sobrevivência dos humanos e do planeta. O homem ainda não se deu conta de que sua existência está relacionada à natureza e à vida nesse planeta. A humanidade precisa aprender a consumir e a interagir com o meio ambiente, buscando ser um ser participante do ciclo natural e não o dominante. É preciso aprender a celebrar a Terra, para, assim, poder curá-la. O conhecimento adquirido pelo homem deve estar voltado para proteger o planeta, cuidar dos resíduos gerados e proteger, de alguma maneira, a transformação natural e não para destruir a vida (BERRY, 1991).

A abundância de recursos naturais no passado não se reflete atualmente. Nas três últimas décadas, esses recursos começaram a diminuir e a biodiversidade se degradar. Como exemplo disso se tem: a poluição do ar, da água e do solo; a fauna e a flora em extinção; a dificuldade maior de encontrar e extrair minerais (LUSTOSA, 2016).

Atualmente, enfrenta-se um grande paradoxo, pois há pessoas que lutam por um mundo melhor de um lado e, de outro lado, a maioria ainda busca o crescimento econômico desenfreado, aliado ao grande consumo, principalmente de recursos naturais, o que implica degradação ambiental. Convém ressaltar que os recursos naturais não são infinitos e somente alguns são renováveis (BERRY, 1991).

Desde a época do desenvolvimento industrial na Europa, os problemas ambientais vêm se agravando e isso piorou quando ele se expandiu para a América do Norte. Houve grande crescimento populacional e a necessidade de viver em um mundo industrial e tecnológico. A grande questão atual é viver em equilíbrio com o planeta, procurando resolver as relações entre homem e natureza (BERRY, 1991), relações essas de exploração econômica, as quais produzem degradação ambiental.

A interação do homem com a natureza propicia os sentidos básicos do homem como o instinto, a emoção e a espiritualidade. Os processos industriais, ao poluírem o ar, a água, o solo e destruírem florestas, transformam o meio ambiente. As pessoas acabam perdendo o contato com a natureza e não se sentem parte dela (BERRY, 1991). Isso contribui para a degradação ambiental.

Na Antiguidade, o ritmo de trabalho do homem e da vida associava-se à natureza.

No modo de produção capitalista, a natureza passa a integrar o conjunto dos meios de produção e não é mais vista como um meio de subsistência do homem. O trabalho torna-se mediador universal na relação do homem com a natureza, processo esse no qual o homem regula o controle por meio da ação, havendo o intercâmbio de materiais com a natureza.

A separação homem x natureza constituiu-se de forma histórica e não natural (OLIVEIRA, 2011). Quando o homem era nômade, a relação homem natureza era umbilical (NAVES; BERNARDES, 2014), ou seja, ambos eram um só. Ele adquiria a subsistência através da natureza e só futuramente passou a plantar, ao invés de somente consumir o que a natureza lhe fornecia. Não havendo luz elétrica, o homem acordava e se recolhia com o nascer e o pôr do sol. A natureza era sagrada, deveria ser reverenciada e havia os mitos e suas explicações místicas para o funcionamento do mundo e da natureza.

Somente na pólis grega, começou o distanciamento da figura humana em relação à natureza e houve o rompimento com o pensamento místico. Nesse período, a realidade começou a ser explicada de maneira mais categórica e racional. Já com a metafísica, houve a superação dos mitos e da figura dos deuses e o início do antropocentrismo. A natureza já era vista operando por leis, princípios universais, através da razão. (NAVES; BERNARDES, 2014).

Com o fim do Império Romano e início da Idade Média, houve o rompimento da lógica racional metafísica. A visão teocêntrica e monoteísta substituiu as várias divindades que representam forças da natureza. Houve o surgimento do Cristianismo e da Teologia, contudo nessa época, havia um impedimento moral e teológico para o avanço da racionalidade instrumental e objetificadora. (NAVES; BERNARDES, 2014).

Ainda nessa época, ocorreu o rompimento definitivo da relação umbilical homem natureza (NAVES; BERNARDES, 2014) e outras separações como espírito/matéria, sujeito/objeto, corpo/alma (OLIVEIRA, 2011; NAVES; BERNARDES, 2014).

A ciência experimental abre caminhos para a filosofia racional de René Descartes. A ideia de separação homem natureza continua a ganhar força (NAVES; BERNARDES, 2014). Há o início de uma ciência quantitativa descritiva que busca desvendar os processos da natureza para utilização humana.

A filosofia racional instituiu a dúvida das certezas dogmáticas, havendo a necessidade de se comprovar empiricamente toda evidência com o método fundamental para a construção do conhecimento humano. Tal método, o cartesiano, constituía-se em: (1) verificar a existência do fenômeno; (2) decompô-lo em partes menores; (3) recompô-lo; (4) tirar conclusões a respeito dele (NAVES; BERNARDES, 2014). Com a revolução científica é afastada a visão antropocêntrica teológica.

René Descartes dá origem a uma concepção científica da apreensão da realidade (NAVES; BERNARDES, 2014). A natureza é vista como um recurso. O dualismo homem/natureza; espírito/matéria; e sujeito/objeto os quais se completam (OLIVEIRA, 2011).

No início do século XX, ocorre o reconhecimento de que convivência social dos homens e dos animais inviabiliza o estudo de um único ser em laboratório como algo de relevância científica (OLIVEIRA, 2011). Não há sentido se pensar a partir do indivíduo, pois a sociedade humana é mais que a mera soma dos indivíduos.

Já, com a Revolução Industrial, há o marco histórico da epistemologia ambiental. Burguesia e cidades ganham força frente ao feudalismo e ao absolutismo. O progresso da humanidade relaciona-se à dominação e à emancipação do homem perante o meio. (NAVES; BERNARDES, 2014).

A sociedade contemporânea representa um conjunto de mediações e relações fundamentadas no trabalho. O capitalismo necessita da produção de mercadorias como meio de produção da mais valia. O trabalho é um processo de produção/reprodução de mercadorias.

A relação homem/meio apresenta-se como uma contradição ao capital-trabalho, pois o homem relaciona-se com a natureza para transformá-la em produto (OLIVEIRA, 2011). No caso da Chácara Bocaiúva, os produtos orgânicos são vendidos no município de Feira de Santana, podendo ainda se estender para a Região do Recôncavo, se a produção fosse aumentada, com a rotação das culturas e irrigação de área ainda não utilizada da chácara para plantação, como será retomado em um tópico posterior neste trabalho.

No capitalismo, o acesso aos recursos naturais passa por relações mercantis, sendo que a apropriação pelo capital implica a eliminação de sua gratuidade natural. A incorporação da natureza e do próprio homem ao circuito produtivo é a base para que o capital expanda.

Na acumulação de capital, o trabalhador transforma sua força de trabalho em mercadoria em troca do recebimento de seu trabalho. O capital separa homem/natureza e impõe-lhe o ritmo do capital e não mais da natureza (OLIVEIRA, 2011). Ele é movido a partir da exploração do trabalho do homem. A Chácara Bocaiúva, ao possuir proletários, move-se a partir do trabalho destes, os quais se demonstram satisfeitos, quando questionados.

O processo social de produção usa a força de trabalho e os meios de produção na utilização dos recursos naturais, no desperdício de matérias-primas, de energia e de trabalho, provocando destruição da natureza e crise ecológica (OLIVEIRA, 2011). A perda da identidade orgânica do homem com a natureza dá-se a partir do capital e isso contribui para a degradação ambiental, todavia isso não foi observado nessa chácara, possivelmente, por ainda manter essa identidade, além de que não foi observado o desperdício de matérias-primas, de energia e de trabalho, não sendo a mais valia e a exploração econômica da natureza e de seus trabalhadores essenciais à localidade.

A separação das condições objetivas de produção pressupõe a perda do domínio sobre as técnicas agrícolas e compreensão dos processos naturais por parte do proletariado, distanciando-o, assim, da natureza. (OLIVEIRA, 2011). Isso, igualmente, não foi observado na chácara.

A tecnologia está a serviço do capital e voltada à produção da mais valia. Quanto maior a quantidade de recursos naturais explorados, de matéria-prima transformada, maior a capacidade de extração de sobretrabalho. A crise ecológica é inserida para se repensar como se estrutura e funciona a sociedade contemporânea: modo como é gerida a natureza, modo de produção de consumo, meios de produção, modo de vida, técnicas aplicadas, tecnologia utilizada e ciência a seu serviço e, nisso, se insere a importância de artigos como este. (IBID, 2011).

2.1 Desenvolvimento Sustentável

O “Desenvolvimento Sustentável” é o modelo utilizado atualmente, o qual se preocupa com a degradação do meio ambiente. Ele superou o modelo chamado “Crescimento Zero” e isso envolveu a necessidade de crescimento econômico aliado a duas outras metas principais: a equidade social e o equilíbrio ecológico. O desenvolvimento deve permitir a manutenção da qualidade de vida em um eixo temporal longo. As gerações presentes não devem comprometer as futuras. Além disso, nesse modelo, deverá haver manutenção do estoque de capital, incluindo os recursos naturais e as novas tecnologias que precisam ser criadas, bem como as novas formas de gestão, a fim de incentivar padrões de consumo mais saudáveis ao meio ambiente (LUSTOSA, 2016). Um exemplo disso na Chácara Bocaiúva é a sua própria plantação de orgânicos, bem como a aquisição do selo.

O desenvolvimento sustentável propicia, também, a produção de novas tecnologias para tornar a produção mais eficiente do ponto de vista econômico e ambiental. Outros aspectos da mudança envolvem: (a) reestruturação do espaço competitivo de mercado em função das transformações do setor produtivo; (b) sustentabilidade do negócio; (c) participação governamental; (d) participação das instituições envolvidas (VIEIRA, 2016).

2.2 A Agroecologia

A agroecologia proporciona bases científicas e metodológicas à agricultura sustentável e tem como eixo central a necessidade de produção de alimentos de elevada qualidade biológica e quantidades adequadas para a coletividade (CAPORAL; COSTABEBER, 2007). O aumento da produção na Chácara Bocaiúva, como dito em tópico anterior, facilitará esse escoamento para uma coletividade.

A agroecologia, uma ciência fundamentada em diversas disciplinas, avança para análise por possuir uma base epistemológica que reconhece a relação estrutural de interdependência entre o sistema ecológico, a cultura dos homens em evolução com o meio ambiente e o sistema social.

Agroecologia é aqui entendida como uma ciência técnico-científica, sistêmica, interdisciplinar baseada em princípios éticos, comprometida com os direitos dos

cidadãos, inclusive trabalhistas e com a preservação ambiental, cujo objetivo é a construção de estilos

de agriculturas sustentáveis de base ecológica, obtendo, com isso, produtos biologicamente de qualidade.

[...] quando se fala em Agroecologia está se tratando de uma orientação cujas contribuições vão muito além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônomos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade. (CAPORAL; COSTABEBER, 2007, p. 13).

A atual forma de agricultura convencional torna-se, atualmente, dependente de recursos limitados e, por isso, insustentável no tempo, além de ser um modelo responsável por danos ambientais e crescentes diferenças socioeconômicas no meio rural. Assim, a tendência e a mudança de paradigma nas quais aparece, com destaque, a necessidade de novos estilos de agricultura e de desenvolvimento rural que enseje a sustentabilidade ecológica, a equidade social se torna relevante.

Atualmente, surgem correntes de desenvolvimento rural sustentável, principalmente aquelas alinhadas com a perspectiva ecossocial e com o processo de transformação da agricultura, que estimulam uma transição agroambiental materializada por novos estilos de agricultura ecológica ou orgânica e de novos enfoques de desenvolvimento local ou regional que consideram os distintos agroecossistemas.

A corrente agroecológica sugere a massificação dos processos de manejo e o desenho de ecossistemas sustentáveis de forma sistêmica e multidimensional; outras correntes baseiam-se na busca de mercados de nicho, a fim de substituir insumos químicos de síntese por insumos orgânicos e ecológicos. Assim, percebe-se diferença de enfoque entre as correntes, através dos aspectos abaixo:

a) A corrente agroecológica defende a agricultura de base ecológica que visa à justiça social e à proteção ambiental, independente do nicho de mercado e do rótulo social, enquanto outras sugerem uma “agricultura ecologizada orientada”, primeiro, pelo mercado e pela expectativa de prêmio econômico em um período histórico, mesmo sem garantir sua sustentabilidade e, teoricamente, uma agricultura ecologizada mundialmente não teria espaço para um diferencial de preços pela característica orgânica e ecológica.

b) A corrente ecológica defende a construção de processos de desenvolvimento rural e agriculturas sustentáveis que considerem o equilíbrio entre as seis dimensões da sustentabilidade. As outras correntes minimizam compromissos éticos e socioambientais, pois elas visam ganhos econômicos individuais. Por ser ecologizada e desprovida de compromissos éticos, pode-se supor a existência de uma monocultura orgânica de larga escala

com base na mão de obra assalariada, com baixa remuneração e movida a chicote, a qual pode atender a alguns anseios e caprichos de consumidores informados sobre os benefícios do consumo de produtos agrícolas orgânicos, mas não estão informados

sobre as condições sociais em que os produtos orgânicos vêm sendo produzidos. Contudo nenhum produto será ecológico se sua produção realizar-se através da exploração da mão de obra ou o não uso de alguns insumos for compensado por formas de degradação dos recursos naturais, de subordinação dos agricultores aos setores agroindustriais ou de esgotamento do solo.

Atualmente, existe o perigo da crescente diferença entre os agricultores que têm acesso a serviços de assistência técnica, extensão rural, crédito e tecnologias de base ecológica; há os que não dispõem de apoio para se organizarem em grupos e conquistarem o nicho de mercados com boa remuneração para os produtos limpos.

Nesse contexto, o avanço do enfoque agroecológico baseado em agriculturas e desenvolvimento rural sustentáveis enfrenta desafios complexos; sua superação depende de fatores como: (a) diálogo e aprendizagem coletiva entre diferentes setores da sociedade; e (b) o reconhecimento de que a sustentabilidade depende de elementos práticos do dia a dia e não apenas da teoria e perspectivas futuristas.

Há falta de informação sobre os impactos negativos causados pela agricultura química, impossibilitando o debate e a tomada de consciência da sociedade, a fim de apoiar os processos de desenvolvimento rural e as formas de agriculturas sustentáveis. A socialização de saberes agroecológicos entre agricultores e demais categorias profissionais é um tarefa primordial, necessitando da participação ativa do Estado. Com isso, aos cidadãos cabem o direito e o dever de trabalhar para ampliação da construção de saberes socioambientais para construção de um novo paradigma de desenvolvimento rural o qual considere as seis dimensões da sustentabilidade (ecológica, social, cultural, política, econômica e ética).

2.3 Agroecologia de Enfoque Sustentável

A agroecologia estuda a atividade agrária num enfoque sistêmico, a partir do qual adota o agrossistema, proporcionando bases científicas para apoiar a mudança do modelo tradicional de agricultura para agriculturas sustentáveis, pois além de ser uma disciplina multidisciplinar, é um campo de conhecimento com várias reflexões técnico-científicas vindo de várias disciplinas que constituem seu *corpus* teórico com novos saberes socioambientais.

Segundo Gliesseman (2000), há três níveis fundamentais no processo de mudança para agroecossistemas sustentáveis: (a) incremento da eficiência das práticas convencionais, visando reduzir o uso de insumos caros, escassos e prejudiciais ao meio ambiente, e investigação agrícola tradicional gerando práticas e tecnologias que reduzem os prejuízos da agricultura convencional; (b) substituição de insumos e práticas antigas intensivas em capital degradadores e contaminantes do meio ambiente por práticas alternativas benignas; e (c) redesenho dos ecossistemas para seu funcionamento, baseado em novos conjuntos de processos ecológicos.

Para se respeitar os princípios dos orgânicos, é preciso atender aos requisitos sociais, considerar os aspectos culturais, preservar os recursos ambientais, permitir resultados econômicos favoráveis à sociedade, numa perspectiva de longo prazo (agricultura sustentável), considerar a participação política e os empoderamentos dos atores.

[...] por se tratar de um processo social, isto é, por depender da intervenção humana, a transição agroecológica implica não somente na busca de uma maior racionalização econômico-produtiva, com base nas especificidades biofísicas de cada ecossistema, mas também numa mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais. (CAPORAL; COSTABEBER, 2007, p. 12).

Sobre a visão agroecológica, a agricultura sustentável é capaz de atender integralmente a alguns critérios como: baixa dependência de insumos comerciais; uso de recursos renováveis e localmente acessíveis; utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local; aceitação e tolerância das condições locais; manutenção futura da capacidade produtiva; preservação da diversidade biológica e cultural; uso do conhecimento e da cultura da população local e da produção de mercadorias para o consumo interno e externo.

3 | A CHÁCARA BOCAIÚVA: UMA PROPOSTA

A Chácara Bocaiúva está localizada no distrito de Humildes, em Feira de Santana. Conta com uma área aproximada de 23,5 hectares. Segundo o próprio site,

trata-se de uma propriedade certificada para a produção e comercialização hortifrutícola orgânica. Na Chácara Bocaiúva são produzidos legumes, frutas, verduras, ovos e frango caipira comercializados sob a logomarca Bocaiúva Orgânicos. A cultura e comercialização dos produtos orgânicos no Brasil foram aprovadas pela Lei 10.831, de 23 de dezembro de 2003. (BOCAIÚVA ORGÂNICOS, 2016, p.1).

Já a Bocaiúva Orgânicos:

Tem como meta estimular o consumo do produto orgânico e, assim, oferecer ao consumidor feirense alimentos de boa procedência, obedecendo às normas da agricultura orgânica. Os vegetais produzidos na Chácara Bocaiúva são cultivados em solo rico, com adubação natural, livre de insumos artificiais. Tais cuidados possibilitam que os alimentos tenham uma textura melhor e um gosto mais acentuado que os produtos convencionais. (BOCAIÚVA ORGÂNICOS, 2016).

Em visita realizada à Chácara Bocaiúva, foram observadas: a irrigação da lavoura, as plantações, as árvores, as flores, as galinhas e a produção de ovos. No solo não tem ocorrido a rotação das culturas, o que seria desejável, por não haver irrigação em uma parte da chácara e, por isso, esta não tem sido utilizada. Além disso, a chácara só entrega seus produtos em Feira de Santana, devido ao fato de estes serem perecíveis e alguns consumidores requisitarem a troca deles, o que acarreta em prejuízo. Ademais, alguns produtos estragam durante o transporte, pois o caminhão transportador não conta com refrigeração adequada.

Ainda durante a visita à Chácara Bocaíuva, percebeu-se que é uma proposta de trabalho que segue a linha da agroecologia, pois desenvolve uma agricultura orgânica que durante a produção não usa fertilizantes químicos de síntese, procurando assegurar a sustentabilidade através, por exemplo, do cuidado com o descanso do solo e com a irrigação, através da água de poços artesianos, cultivo de plantas e árvores, entre outros cuidados com o meio ambiente. Além disso, ela segue as leis trabalhistas vigentes, pois os funcionários trabalham com carteira assinada, possuem horário de almoço e recebem cursos de qualificação. Eles demonstram estar satisfeitos com o trabalho que exercem e se identificam com a organização. A chácara preocupa-se com a aquisição de selos de certificação e em manter a qualidade exigida para a aquisição do selo. Ela não vende produtos sem ter autorização para isso.

Na visita, feita observou-se que algumas mudas de flores de morango e mudas de árvores não estão ainda disponíveis no site, assim como se percebeu que há, também, a necessidade de se aumentar a produção e de se incluir tais itens na venda pelo site; para isso ocorrer, é necessária a aquisição do selo dos novos produtos. Outra expansão a ser feita envolve o transporte dessas mercadorias. À medida que a produção aumenta, o transporte das mercadorias deixará de ser municipal para, pelo menos, ser regional e contemplar outros municípios.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea representa um conjunto de mediações e relações fundamentadas no trabalho. O capitalismo necessita da produção de mercadorias como meio de produção da mais valia. Nele, o acesso aos recursos naturais passa por relações mercantis, sendo que a apropriação pelo capital implica a eliminação de sua gratuidade natural. A incorporação da natureza e do próprio homem ao circuito produtivo é a base para que o capital expanda. O trabalho é um processo de produção/reprodução de mercadorias. Ele torna-se mediador universal na relação do homem com a natureza. Nessa relação, o homem regula o controle da natureza por meio da ação, com intercâmbio de materiais. Além disso, o homem relaciona-se com a natureza para transformá-la em produto.

Na acumulação de capital, o trabalhador transforma sua força de trabalho em mercadoria, em troca do recebimento pelo trabalho realizado. O capital separa homem da natureza, impondo-lhe o ritmo do capital e não mais da natureza. Ele é movido a partir da exploração do trabalho do homem. O processo social de produção usa a força de trabalho e os meios de produção na utilização dos recursos naturais; o desperdício de matérias-primas, de energia e de trabalho provoca destruição da natureza e crise ecológica. A perda da identidade orgânica do homem com a natureza dá-se a partir do capital e isso contribui para a degradação ambiental. No combate a esse fator negativo, são criados modelos sustentáveis, como os mencionados ao longo deste

trabalho.

A tecnologia está a serviço do capital e voltada à produção da mais valia. Quanto maior a quantidade de recursos naturais explorados e de matéria-prima transformada, maior a capacidade de extração de sobretrabalho. A crise ecológica é inserida para se repensar como se estrutura e funciona a sociedade contemporânea: modo como é gerida a natureza, modo de produção de consumo, meios de produção, modo de vida, técnicas aplicadas, tecnologia utilizada e ciência a seu serviço, e nisso se insere a importância de artigos como este.

A agroecologia tem como foco a produção de alimentos de elevada qualidade biológica e quantidades adequadas à coletividade. A agricultura convencional é responsável por danos ambientais e crescentes diferenças socioeconômicas no meio rural. Assim, surge a necessidade de novos estilos de agricultura e de desenvolvimento rural que ensejem a sustentabilidade ecológica e a equidade social. Atualmente, têm surgido correntes de desenvolvimento rural sustentável, principalmente aquelas alinhadas com a perspectiva ecossocial. O processo de transformação da agricultura tem estimulado uma transição agroambiental materializada por novos estilos de agricultura ecológica ou orgânica e de novos enfoques de desenvolvimento local ou regional que consideram os distintos agroecossistemas. O desenvolvimento sustentável busca a produção de novas tecnologias para tornar a produção mais eficiente do ponto de vista econômico e ambiental. Isso se alinha à agroecologia sustentável, na medida em que esta busca: (a) a eficiência das práticas convencionais, visando reduzir o uso de insumos caros escassos e prejudiciais ao meio ambiente; (b) a substituição de insumos e de práticas antigas intensivas em capital degradadores e contaminantes do meio ambiente por práticas alternativas benignas; (c) redesenho dos ecossistemas para seu funcionamento baseado em novos conjuntos de processos ecológicos.

Assim, torna-se necessária a existência de artigos como este para explicitação das condições atuais da agroecologia sustentável, bem como para o desenvolvimento histórico da relação homem natureza, a fim de incentivar o surgimento de tais modelos nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

BERRY, Thomas. **O Sonho da terra**. Petrópolis: Vozes, 1991. BOCAIÚVA ORGÂNICOS. **Chácara Bocaiúva**. Disponível em:

<<http://www.Bocaiúvaorganicos.com.br/sobre.>> Acesso em: 29 set. 2016.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2007.

ECONOMIA SOLIDÁRIA DE BRASÍLIA. **O que é uma economia solidária**. Disponível em: <<http://www.ecosolbasebrasil.com.br/index.php/economia-solidaria/videos.>> Acesso em: 26 set. 2016.

GLIESSEMAN, S.R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

LUSTOSA, M.C.J. **Economia e meio ambiente**: revendo desafios, 2016. Disponível em: <www.niead.ufrj.br>. Acesso em: 25 mar. 2016.

NAVES, J.G.P.; BERNARDES, M.B.J. **A relação histórica homem/natureza e sua importância no enfrentamento da questão ambiental**. Santa Catarina: Geosul, v.29, n.57, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/2177-5230.../27882>>. Acesso em: 29 set. 2016.

OLIVEIRA, A.M.S.O. **Relação homem natureza no modo de produção capitalista**. Presidente Prudente: FTC/Unesp, 2011. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/793/816>>. Acesso em: 29 set. 2016.

SOBRE A ORGANIZADORA

GIOVANNA TAVARES. Doutorado em Performances Culturais pela UFG em andamento / 2019 - 2022, Mestrado Acadêmico na área das Ciências Sociais Aplicadas em Turismo e Hotelaria pela UNIVALI - SC (2007-2010) / CONCEITO CAPES 5 – Foco: Planejamento Participativo e desenvolvimento de base local, Especialista em Gestão em Turismo e Hotelaria pela Faculdade Lions - GO (2004-2005), Bacharel em Turismo pela Faculdade Cambury - GO (2003), MBA Executivo em Coaching, (2018) na Faculdade Cândido Mendes. cursando atualmente: Especialização em Administração do Setor Público, Especialização em Administração em Marketing de Serviços e Social e MBA em Gestão de Projetos (previsão de término dezembro 2019 - Faculdade Faveni). Atua na área de Pesquisa aplicada como pesquisadora em diversas áreas do mercado: Turismo, hotelaria, eventos, pesquisa censitária, gestão comercial e de negócios, sendo atualmente Professora Universitária na Faculdade Cambury nos cursos de Eventos e Gestão Comercial e na Coordenação Geral do evento institucional Círculo do Conhecimento desde 2015. Membro da ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo. É servidora pública do Estado de Goiás na Área Técnica da Agência Estadual de Turismo - GOIÁS TURISMO - Coordenadora do OBSERVATÓRIO DO TURISMO DO ESTADO DE GOIÁS e Diretora de Gestão, Planejamento e Finanças. Presidente da ABBTUR - GO / Associação Brasileira de Turismólogos(as) e Profissionais de Turismo - Seccional Goiás. Atuou como: Professora do MBA em Promoção e Gestão de Eventos na disciplina: Planejamento e Coordenação de Eventos e Orientação de TCC pelo IESB – Instituto de Educação Superior de Brasília, Professora no IF Goiano - EAD no curso de Eventos, Professora na Faculdade Lions de (2013 a 2016) nos cursos de Turismo, Hotelaria e Administração; Faculdade de Tecnologia SENAC – Goiás (De 2007 a 2014) na Elaboração de projetos, coordenação e docência na Pós Graduação em Gestão de Empreendimentos Turísticos e Eventos e no Curso superior de Gestão de Turismo (ênfase em eventos) e somente como docente nos cursos de: Gestão Comercial, Gestão Ambiental, Gestão da Tecnologia da Informação e Produção Multimídia. Possui vasta experiência em disciplinas nas áreas de gestão (Planejamento Estratégico e Empreendedorismo), eventos, turismo, hotelaria, pesquisa, metodologia e atividades de campo/visitas técnicas. Consultora

da ONG Araucária - Organização Pró-Desenvolvimento Integrado Sustentável desde 2010, cuja atuação é na área de planejamento e desenvolvimento em turismo, com experiência em elaboração e execução de projetos para MTur, Governo do Estado de Santa Catarina, Prefeituras Municipais e setor privado. Consultora da PDCA desde 2013 - Assessoria e Treinamento: Turismo, Hospitalidade e Eventos.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-317-0

